

Sesc | Serviço Social do Comércio

CADERNO EDUCATIVO

SONORA BRASIL

CULTURAS BANTU

AFRO-SONORIDADES
TRADICIONAIS E
CONTEMPORÂNEAS



Circuito Nacional
2022-2023

DEPARTAMENTO NACIONAL

Direção-Geral

José Carlos Cirilo

Direção de Operações Compartilhadas

Maria Elizabeth Martins Ribeiro

Direção de Programas Sociais

Janaina Cunha Melo

**COORDENAÇÃO GERAL
DO SONORA BRASIL**

Gerência de Cultura

Luciana Salles

Equipe de Música

Ana Caroline Araujo

Sylvia Letícia Guida

Maria Cecillia A. Monteiro da Silva
(estagiária)

CURADORIA 2022-2023

**Seleção realizada por representantes
dos Departamentos Regionais
e do Departamento Nacional**

CONTEÚDO

Carla Nogueira

Jordana Braz

PRODUÇÃO EDITORIAL E GRÁFICA

Assessoria de Comunicação

André Valle

Coordenação editorial

Jane Muniz

Projeto gráfico

Julio Carvalho

Ilustrações

Stephanie Gonçalves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Renata de Souza Nogueira – CRB-7/5853)

Sesc. Departamento Nacional.

Culturas Bantu : afro-sonoridades tradicionais e contemporâneas : circuito nacional 2022-2023 : caderno educativo / Sesc, Departamento Nacional. – Rio de Janeiro : Sesc, Departamento Nacional, 2023. – (Sonora Brasil).

1 recurso eletrônico (18,1 Mb).

Suporte: E-book

Formato: Pdf.

1. Projeto Sonora Brasil. 2. Música - Brasil. 3. Cultura africana. I. Título.

CDD 780.92

Serviço Social do Comércio

Departamento Nacional

CADERNO EDUCATIVO

SONORA BRASIL

CULTURAS

BANTU

AFRO-SONORIDADES
TRADICIONAIS E
CONTEMPORÂNEAS

Rio de Janeiro

Sesc | Serviço Social do Comércio

Departamento Nacional

2023

Circuito Nacional
2022-2023

SUMÁRIO



6	APRESENTAÇÃO
8	INTRODUÇÃO
10	CULTURAS BANTU NO BRASIL
14	TRAVESSIA TRANSATLÂNTICA
17	HERANÇA NEGRO-AFRICANA NO BRASIL: ANCESTRALIDADE, MEMÓRIA E CULTURA
19	O PORTUGUÊS BRASILEIRO É BANTU
21	RELIGIOSIDADE
24	O ALIMENTO
25	FILOSOFIA
26	SONOROS SABERES
31	RITMOS BANTU NO SONORA BRASIL
36	CONSIDERAÇÕES FINAIS
38	REFERÊNCIAS

APRESENTAÇÃO



A música está presente na vida de todos nós, nas diversas épocas e civilizações, e anda de mãos dadas com a cultura e a história de um país. É uma forma potente de interação, além de ser um fator determinante da construção social, cognitiva, corporal e emocional do ser humano e nas leituras de mundo de cada um.

Promovido pelo Sesc desde 1998, o Sonora Brasil é um projeto que apresenta programações musicais e faz parte da proposta de desenvolvimento das artes, com enfoque na valorização, na preservação e na difusão do patrimônio cultural brasileiro.

O tema *Culturas bantu: afro-sonoridades tradicionais e contemporâneas* faz uma homenagem à contribuição dos povos de línguas bantu para a música brasileira e à influência das culturas de matriz africana no país.

A intenção é enaltecer a riqueza e a diversidade da cultura da população negra, ainda não suficientemente conhecida e valorizada, abrindo espaços para entretenimento de qualidade, que também possam incentivar boas reflexões e contribuir para a formação de uma sociedade melhor. Nesse sentido, o Sesc se orgulha de potencializar essa produção artística de forma nacional, por meio de seus circuitos itinerantes, dando visibilidade a artistas, livre acesso ao público, contribuindo para a formação de plateias e promovendo um dos projetos mais relevantes sobre a diversidade musical brasileira.

Departamento Nacional do Sesc

INTRODUÇÃO



O Sonora Brasil é um projeto temático que tem como objetivo a valorização, a preservação e a difusão do patrimônio cultural brasileiro por meio de espetáculos musicais em todo o país. Além de levar ao público expressões musicais que simbolizam toda a diversidade nacional, o projeto também contribui com as ações desenvolvidas pelo Sesc visando à formação de plateias e à democratização do acesso aos bens culturais.

A edição de 2022/2023 trabalhou o tema *Culturas bantu: afro-sonoridades tradicionais e contemporâneas*, destacando a contribuição dos povos de línguas bantu na cultura brasileira, por meio de ações formativas e apresentações musicais realizadas por 42 artistas e grupos de 25 estados brasileiros e do Distrito Federal.

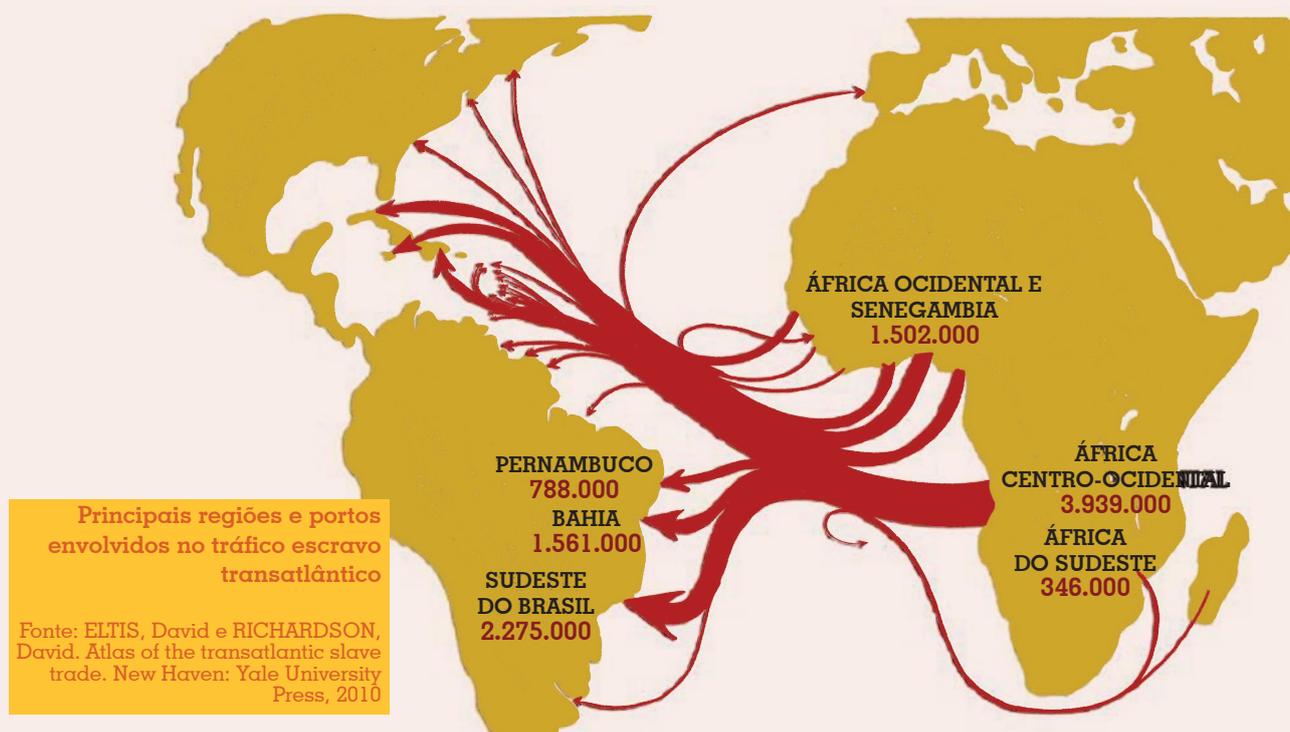
Com a criação das Leis n. 10.639/2003 e n. 11.645/2008, o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira, com ênfase nas disciplinas de História, Arte e Literatura, tornou-se obrigatório no currículo escolar. Pensando nisso, o Sesc criou este material educativo, que, complementando os produtos audiovisuais produzidos pelo projeto *Sonora Brasil* em seu tema *Culturas bantu: afro-sonoridades tradicionais e contemporâneas*, pretende auxiliar professores e educadores no desenvolvimento de seus trabalhos com a cultura afro-brasileira, e na educação para as relações étnico-raciais.

Apesar de a música ser o elemento central do Sonora Brasil, quando se aborda o tema da cultura bantu, é natural que apareçam questões sócio-históricas e econômicas de grande relevância para a compreensão do processo de formação do país e da singularidade do povo brasileiro. Assim, o Sonora Brasil pretende estimular leituras que aprofundem as interpretações sobre a herança africana na cultura brasileira, o que pode ser observado na linguagem, na culinária, na religiosidade, na tecnologia e nas artes, com significativa contribuição dos povos ovimbundo, bacongo, ambundo e muxicongo, de falares do tronco linguístico bantu, nos mais variados territórios do país.

CULTURAS BANTU NO BRASIL

Pensar as afro-sonoridades, sejam elas tradicionais ou contemporâneas, demanda, pelo menos, uma breve viagem histórica que nos remonta à chegada forçada dos primeiros povos escravizados na parte Ocidental do continente africano. Período que forma um amplo capítulo da historiografia nacional e que está diretamente ligado às influências e às implicações na formação da cultura e, conseqüentemente, do povo brasileiro.

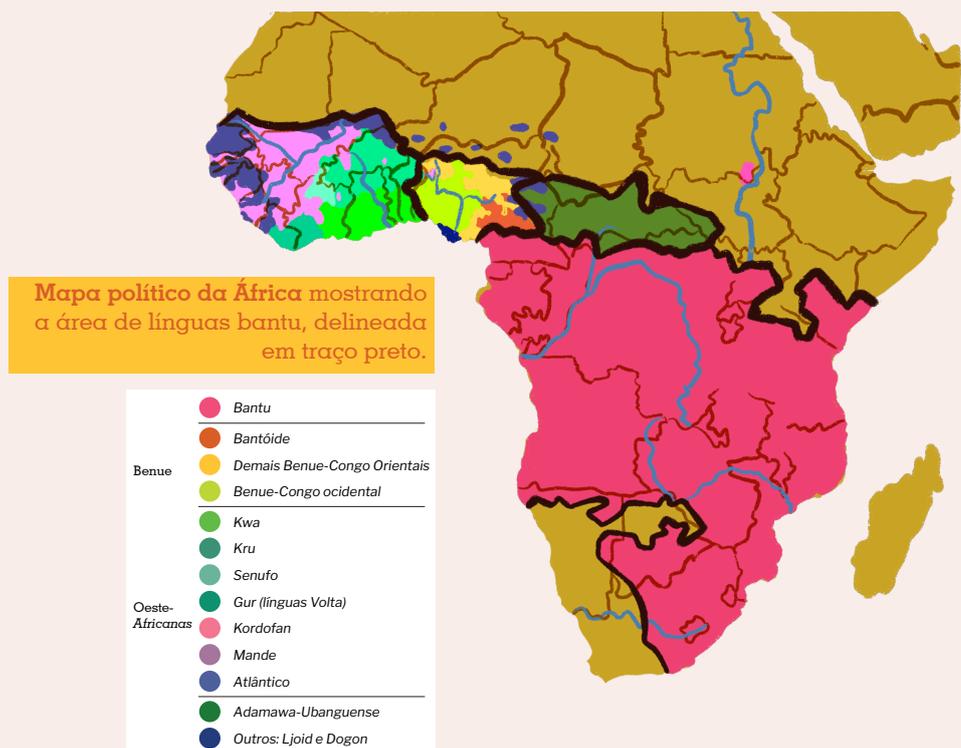
A migração forçada de africanos para o Brasil, iniciada em meados do século XVI, indo até o XIX, envolveu a movimentação de um número expressivo de pessoas, que durou quase quatro séculos. Embora não haja concordância entre historiadores e antropólogos sobre sua precisão, o que temos de datação se refere ao ano de 1535, com a chegada de um navio negreiro em Salvador, Bahia, trazendo os primeiros negros escravizados, sendo aquele ano o marco do início da escravidão no Brasil. No entanto, há também outra versão que diz ser entre 1539 e 1542, que os primeiros escravizados negros chegaram ao Brasil na Capitania de Pernambuco. O fato é que esse processo violento e vergonhoso durou bastante tempo, tanto que teve impacto na formação da sociedade brasileira, com dados do passado que explicitam fenômenos sociais na atualidade.



Durante esse longo período, a contribuição dos povos africanos na formação social brasileira é inquestionável, tanto na conformação física da população quanto na identidade cultural do país nas suas mais variadas expressões, incluindo léxico, música, culinária, estética, corporeidade, religião, modo de ver, perceber o mundo e se relacionar com o outro. Não há, portanto, uma cultura brasileira homogênea quando se trata das fontes culturais e étnicas formadoras do Brasil, mas, sim um mosaico de diferentes vertentes que juntas integram uma síntese dessas influências do que convencionalmente chamamos de povo brasileiro.

A cultura bantu¹ é uma das heranças africanas no Brasil que tem grande importância e complexidade. Está profundamente impregnada na vida e no cotidiano do brasileiro, desde o gestual à convivência coletiva, passando pelas relações com os mais velhos e os saberes populares que encontramos, de modo diferenciado, em cada parte do país. Também no conhecimento de ervas medicinais, rezas, ditados populares e na ideia de família ampliada. Quem não tem ou conhece alguém que tem um tio, tia, primo, prima que não faz parte do núcleo consanguíneo, mas goza de proximidade e similaridade familiar? Isso é de origem bantu, pois a ideia de co-participação é de responsabilidade mútua. Os bantu têm papel significativo na formação da identidade nacional, seja por seu legado linguístico e filosófico e sua cultura popular, artes, tecnologia, práticas agrícolas, seja pela origem de ritmos e expressões musicais como lundu, samba, maracatu, congada, jongo, capoeira, além do candomblé.

E quando falamos em cultura bantu a que estamos nos referindo? Sabemos o que significa?



1. A palavra bantu é escrita originalmente com u, variando para banto.

Inicialmente, quando falamos ou pensamos em cultura bantu, nosso imaginário comumente nos apresenta como referência as nações Angola ou Congo-Angola do candomblé, junto aos simbolismos e patrimônios materiais e imateriais afro-brasileiros, em contribuição para que a memória e a história ancestral sejam preservadas. No entanto, quando nos referimos ao termo bantu, é preciso compreender seu sentido e seu significado emblemático. A professora Yeda Pessoa de Castro (2005) nos explica a amplitude desse conceito, que vai desde sua designação linguística até a extensão territorial que abrange várias etnias.

O termo banto (“bantu”, os homens, plural de “muntu”) foi proposto por W. Bleek, em 1862, na primeira gramática comparativa do banto para nomear a família linguística que descobrira, composta de várias línguas oriundas de um tronco comum, o protobanto, falado há três ou quatro milênios. Só mais tarde é que o termo passou a ser usado pelos estudiosos de outras áreas para denominar 190.000.000 de indivíduos que habitam territórios compreendidos em toda a extensão abaixo da Linha do Equador, correspondente a uma área de 9.000.000 km². Seus territórios englobam países da África Central, Oriental e Meridional: República Centro-Africana, Camarões, Guiné Equatorial, Gabão, Angola, Namíbia, República Popular do Congo (Congo-Brazzaville), República Democrática do Congo (RDC ou Congo-Kinshasa), Zâmbia, Burundi, Ruanda, Uganda, Quênia, Malawi, Zâmbia, Zimbábue, Botsuana, Lesoto, Moçambique e África do Sul. (CASTRO, 2005, p. 25).

O caráter amplo e homogêneo da família linguística bantu foi há muito caracterizado como sem parentesco ou relação com outras línguas e grupos étnicos, apesar da semelhança com as línguas sudanesas. No entanto, em 1955, como nos apresenta Yeda Castro, seria Greenberg que revisaria essa classificação: “[...] ele afirma que as línguas do grupo banto e as línguas oeste-africanas ou ‘sudanesas ocidentais’ não são apenas aparentadas. Elas formam uma única e grande família, à qual deu o nome de Níger-Congo” (CASTRO, 2005, p. 26).

A grande região bantu compreende um grupo de 300 línguas muito semelhantes, faladas em 21 países. Entre estas, as de maior número de falantes no Brasil foram o Kikongo, língua dos povos bacongo, falada na República Popular do Congo, na República Democrática do Congo e no norte de Angola.



O Kimbundo, língua da região central de Angola, falada pelos ambundo, e o Umbundo, falado no sul de Angola e na Zâmbia, pelos ovimbundo. Eram também denominados de maneira geral aqui no Brasil de congo-angola, pelo alcance em território brasileiro e amplitude geográfica.

Para Catherine Cymone Fourshey (2019), o termo bantu está associado à tradição e abrange sociedades com práticas linguísticas, culturais, artísticas, históricas, políticas e religiosas variadas, que são comumente discutidas em conjunto, embora, ao mesmo tempo, entenda-se que se trata de tradições heterogêneas. Para Fourshey, escutar, falar, assimilar ideias e práticas e desempenhar ações coletivamente conferia sabedoria e fortalecia o senso de pertencimento. O ensino e a aprendizagem eram processos ativos. Histórias orais, contos, mitos, canções, charadas e provérbios narrados ao redor de fogueiras noturnas, ou em outras situações informais e formais, funcionavam como formas comunitárias de educação.

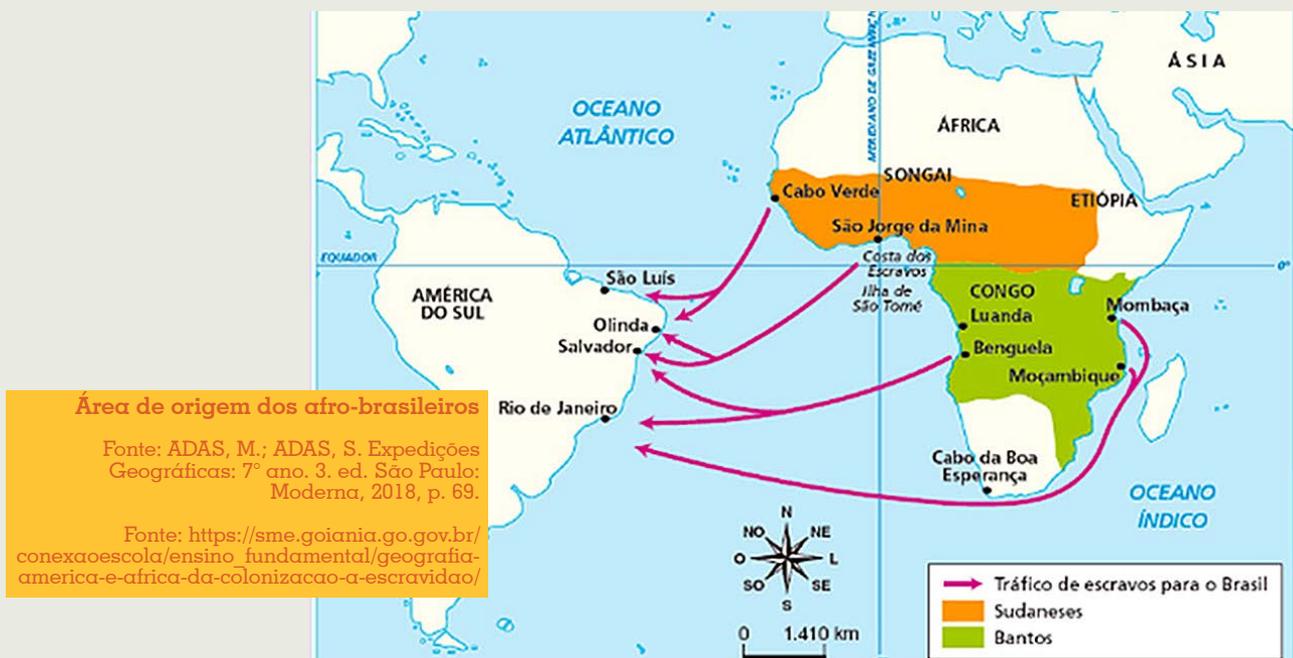
Os povos que compõem o universo bantu – hoje especificados por seu legado e por suas expressões culturais – foram encontrados, em maior ou menor proporção, em grande parte do país, especialmente em estados como Bahia, Maranhão, Pernambuco, Alagoas, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. Entretanto, se faz necessário reconhecer que foi notória a presença negro-africana em todo o espaço nacional, diante do advento do traslado transatlântico forçado. Isso nos possibilita uma compreensão do que somos por meio da chave de leitura da Cultura, Identidade e Território.



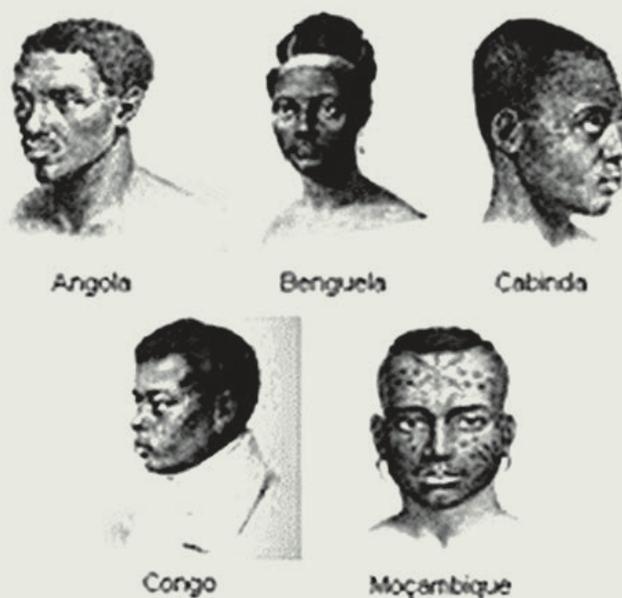
TRAVESSIA TRANSATLÂNTICA

O tráfico transatlântico trouxe para o Brasil cerca de quatro a cinco milhões de falantes africanos originários de duas regiões da África subsaariana: a região bantu, situada ao longo da extensão sul da Linha do Equador, e a região oeste-africana ou sudanesa, que abrange territórios que vão do Senegal à Nigéria (CASTRO, 2005, p. 3). O aprisionamento na África, seguido pela travessia do Oceano Atlântico e pela chegada em terras brasileiras, foi bastante complexo, considerando que o fluxo de africanos parte de diversas regiões do continente, chegando a compor 75% da população em lugares como o Recôncavo Baiano, por exemplo (CASTRO, 1987).

Exclusivamente lucrativo, é pelo tráfico que se inicia a história dos negros no Brasil, dividindo-se em períodos e rotas da escravidão. Luiz Vianna Filho (1946) divide esse período em quatro ciclos distintos, denominados de ciclo da Guiné (século XVI, ciclo de Angola (século XVII), ciclo da Costa da Mina (século XVIII) e o último ciclo, chamado de fase da ilegalidade (século XIX). Alguns dividem em quatro principais rotas dos navios negreiros que ligaram o continente africano ao Brasil: rota da Guiné, rota da Mina, rota de Angola e rota de Moçambique. Desenvolvido a partir do contato oficial entre a Europa e a África Central, o tráfico transatlântico é concebido e sistematizado, inicialmente, nos territórios do Kongo, Ndongo (Angola), Matamba, Loango, Kakongo, Ngoyo, Teke e outros países da sub-região da África Central, que foi uma das principais fornecedoras da região (AXEL, 2017).



O historiador Boris Fausto (2013) relata que, no caso específico dos negros trazidos para o Brasil, há que se destacar as preferências do Império Português por certas procedências, como Angola, Guiné e Costa da Mina. Destaca que, no século XVI, a Guiné Bissau e Cacheu e a Costa da Mina, com extensão aos portos ao longo do litoral do Daomé, forneceram o maior número de escravizados, de modo que os portugueses vão transformar a África Central – com o Reino Kongo, seus vassallos e territórios, além de outros países da África Central – em uma mina de escravizados bantu ou fonte de mão de obra para exportação para a América do início do século XVI até o XIX. Isso ocorreu através de São Tomé e Príncipe, ou seja, para a América espanhola, e depois para o Brasil, em plantações de cana-de-açúcar e nas minas de ouro de meados do século XVI. Do século XVII em diante, as regiões mais ao sul da costa africana, Congo e Angola, tornaram-se os centros exportadores mais importantes, a partir dos portos de Luanda, Benguela e Cabinda. Os angolanos foram trazidos em maior número no século XVIII, correspondendo, ao que parece, a 70% dos trazidos para o Brasil naquele século, além de alcançar outros países da América.



Pessoas representadas por etnias bantu

Fonte: <http://www.terreirosbajunsara.com.br/p/os-bantus.html>

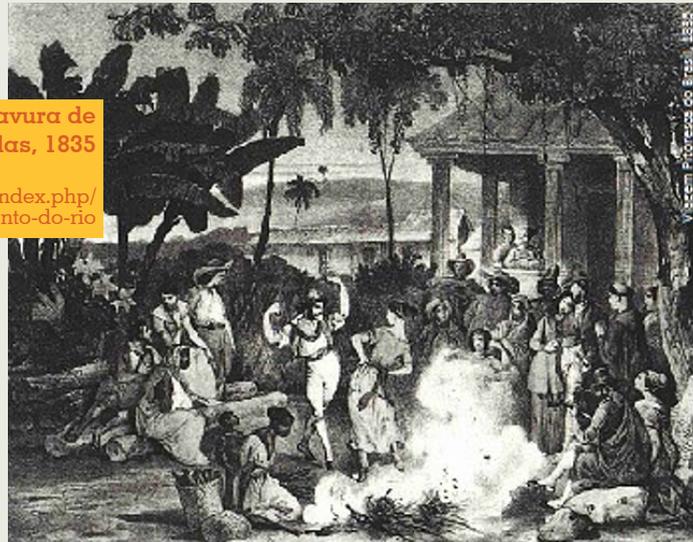
Segundo o pesquisador Carlos Silva Jr. (2012), eram sete os principais portos que recebiam os escravizados nas Américas: Rio de Janeiro e Salvador aparecem nas primeiras posições dessa lamentável lista, seguidos por Recife, Kingston (Jamaica), Bridgetown (Barbados), Havana e Saint Domingue. Ainda havia o tráfico interno para os que sobreviviam à travessia do Atlântico, enfrentando uma jornada adicional ao seu destino final. Apesar de o Rio de Janeiro superar Salvador como principal porto negreiro das Américas, essa dianteira aconteceu no século XIX, pois até 1790 Salvador superava o Rio de Janeiro nas chegadas de africanos, mas um grande número dos escravos que aí desembarcavam, principalmente no século XVIII, seguia para Minas Gerais via Rio de Janeiro.

O porto de Salvador no período colonial foi um dos mais importantes do Brasil, por sua extensão e pela quantidade de pessoas envolvidas no trabalho com carregamento de cargas e recebimento de mercadorias vindas de outros países. Assim, o tráfico no Brasil se configurou como ponto estratégico de compra e venda para todo o território nacional.

A professora Yeda Pessoa de Castro destaca que, oriundos da África Centro-Occidental, dos quatro milhões de indivíduos trazidos da África subsaariana para o trabalho escravo no Brasil, 75% eram provenientes do mundo bantu-falante, de territórios situados atualmente em Angola e nos dois Congos. O contingente era de tal ordem nas cidades da Bahia do século XVII que, de acordo com a pesquisadora, instigou o padre Pedro Dias a escrever *A arte da língua de Angola*, uma gramática publicada em 1687, em Lisboa, como meio de instruir os jesuítas e facilitar o trabalho de catequese dos “25 mil etíopes” africanos (CASTRO, 2005, p. 6 *apud* SILVA NETO, 1963).

Dança do lundu. Gravura de Johann Moritz Rugendas, 1835

Fonte: [//multirio.rio.rj.gov.br/index.php/reportagens/854-o-matiz-banto-do-rio](http://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/reportagens/854-o-matiz-banto-do-rio)

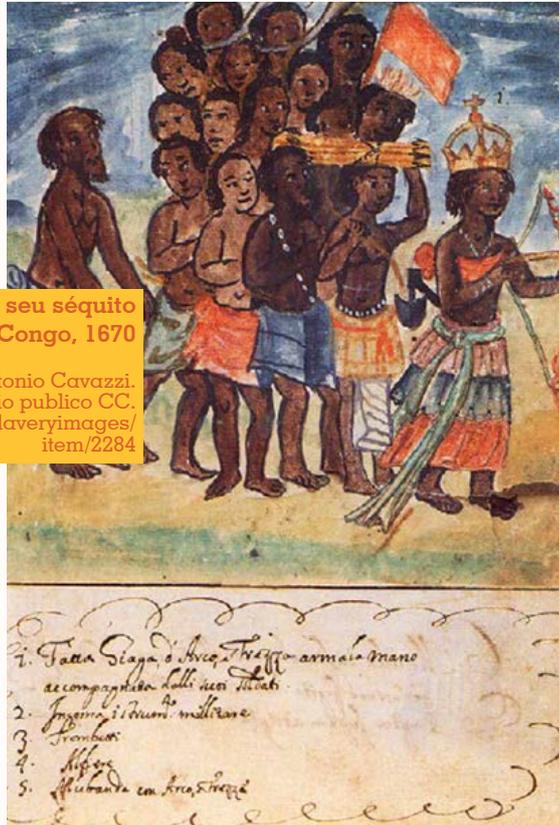


O percurso dos bantu pelo território brasileiro começou na região de produção açucareira do Nordeste. No século XVII, uma parte desses povos é deslocada pelo tráfico interno para a mineração nas Minas Gerais e em Goiás, ao mesmo tempo que prosseguem as importações do tráfico atlântico. Na primeira parte do século XIX, os escravizados bantu trabalham nas plantações de café no Vale do Paraíba, localizado entre Rio de Janeiro, São Paulo e sul de Minas. Na segunda metade do século XIX, são deslocados para o oeste paulista junto com novas importações, a esta altura, com as primeiras levas de imigrantes europeus.

REFLEXÃO E EXPERIMENTAÇÃO

Como percebemos a herança africana em nosso dia a dia? Como o território que você habita preserva essa presença? Busque acervos históricos que te ajudem a mapear a presença africana bantu em sua cidade, desde sua fundação até os dias atuais.

HERANÇA NEGRO-AFRICANA NO BRASIL: ANCESTRALIDADE, MEMÓRIA E CULTURA



Rainha Nzinga Mbandi com seu séquito
Reino do Congo, 1670

Ilustração: Padre Giovanni Antonio Cavazzi.
Fonte: imagem de domínio publico CC.
<http://www.slaveryimages.org/s/slaveryimages/item/2284>

A cultura negra no Brasil é composta pelos intercâmbios e pelas interações existentes entre diferentes povos negro-africanos. Os valores fundamentais das culturas africanas nos foram deixados como legado, enquanto fonte de identidade, pertencimento e reconhecimento da sabedoria dos que chegaram antes de nós. Os povos bantu foram os primeiros a serem trazidos e a terem contato com a terra e com os indígenas aqui existentes, e sua influência é muito profunda em razão da antiguidade dos povos bantu no Brasil. Nos primeiros séculos, experienciaram o processo inicial do trabalho forçado no Brasil e foram responsáveis pelas mais diversas atividades, construindo dinâmicas de resistência, de convivência e de costumes, trazendo conhecimentos sobre o comércio, a pesca e a navegação, e passaram a conhecer o novo mundo. Trouxeram consigo recordações e referências étnicas, religiosas e culturais que, juntas, fortaleceram e, fundamentalmente, remodelaram a vida do lado de cá do Atlântico.

A riqueza e a diversidade cultural das muitas maneiras africanas de ser, encontradas nas tradições que penetraram em diferentes setores da sociedade brasileira, constituíram heranças simbólicas materializadas em monumentos, documentos, ritos, celebrações, objetos, textos e outros suportes de memória. O acesso a essas memórias como um campo de força que cria outras possibilidades de existência permite, nos dias de hoje, acioná-las por meio de experiências compartilhadas, nas quais a descendência africana e negra se apresenta como forte marca. Também, profundamente relacionadas ao processo de construção da forma como nos percebemos como sujeitos, as próprias narrativas funcionam como fio condutor em que a cultura é transportada pelo tempo e pela memória, e nos vinculamos à ancestralidade negro-africana evidenciada na linha das gerações anteriores, proveniente dos povos de origem bantu. Ou seja, nossa identificação é recuperada pelas vivências e pelas trajetórias passadas, permitindo a consciência de estarmos no presente.

A memória cultural atua, portanto, preservando a herança simbólica institucionalizada, à qual os indivíduos recorrem para construir as próprias identidades e para se afirmarem como parte de um grupo, marcadamente afro-brasileiro, que percebemos nas crenças, no falar, no andar, no vestir, no comer, na forma de festejar, assim como na maneira de vender, negociar e lidar com as adversidades.

REFLEXÃO E EXPERIMENTAÇÃO

Busque algumas pessoas mais velhas e faça o exercício de recuperar na memória elementos afetivos negro-africanos familiares. Registre este momento em imagem, desenho ou textualmente.

O PORTUGUÊS BRASILEIRO É BANTU



Talvez não saibamos na totalidade o que significa a cultura bantu em nosso país, mas, entre as diversas contribuições na nossa formação, a interação linguística afetou diretamente o português do Brasil, diferenciando-o do de Portugal. Pela linguagem expressamos nossos pensamentos e agimos conforme nossas características culturais, e depois de quase quatro séculos de contato permanente de línguas africanas com a língua portuguesa no Brasil, o resultado foi favorável ao amálgama africano, sem esquecer da matriz indígena, dando um novo tom e som às palavras e à estrutura linguística.

Como visto anteriormente, os bantu contribuíram para a cultura brasileira em vários aspectos e na língua. Pode-se observar no vocabulário brasileiro um grande número de termos usados no dia a dia para que se tenha a noção da origem e da influência da cultura bantu no território nacional, além do processo de vocalização das palavras. A professora Yeda Pessoa de Castro, em seu livro *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*, afirma que:

Os aportes bantos ou bantuísmos estão associados ao regime da escravidão (senzala, mucama, banguê), enquanto a maioria deles está completamente integrada ao sistema linguístico do português, formando derivados portugueses a partir de uma mesma raiz banto (esmolambado, dengoso, sambista, xingamento, mangação, molequeira, caçulinha), o que já demonstra uma antiguidade maior. Em alguns casos, a palavra banto chega a substituir a palavra de sentido equivalente em português: corcunda por giba, moringa por bilha, molambo por trapo, xingar por insultar, cochilar por dormir, caçula por benjamim, dendê por óleo de palma, bunda por nádegas, marimbondo por vespa, carimbo por sinete, cachaça por aguardente. Alguns já se encontram documentados na língua literária do século XVII, a exemplo da poesia satírica de Gregório de Matos e Guerra. (CASTRO, 2005, p. 6-7)

A autora nos apresenta a presença de palavras bantu em nosso cotidiano. Veja aqui alguns exemplos encontrados: abadá, caçamba, cachaça, cachimbo, caçula, candango, canga, capanga, carimbo, caxumba, cochilar, corcunda, denço, fubá, gibi, macaco, maconha, macumba, marimbondo, miçanga, moleque, quitanda, quitute, tanga, xingar, banguela, babaca, cafofo, cafundó, cambada, muquirana, muvuca, apenas umas poucas entre tantas.

Entre os bantuísmos léxicos, merece destaque a palavra caçula, por ser a única conhecida e usada por todos os brasileiros para dizer "filho mais jovem", fato que vem corroborar a tese da influência sociolinguística da mulher negra no desempenho de "mãe-preta" na intimidade da família colonial, a começar da criança, e explica a razão de ser do ditado popular "o caçula é o denço da família", na voz africana de quem o criou. (CASTRO, 1990)7

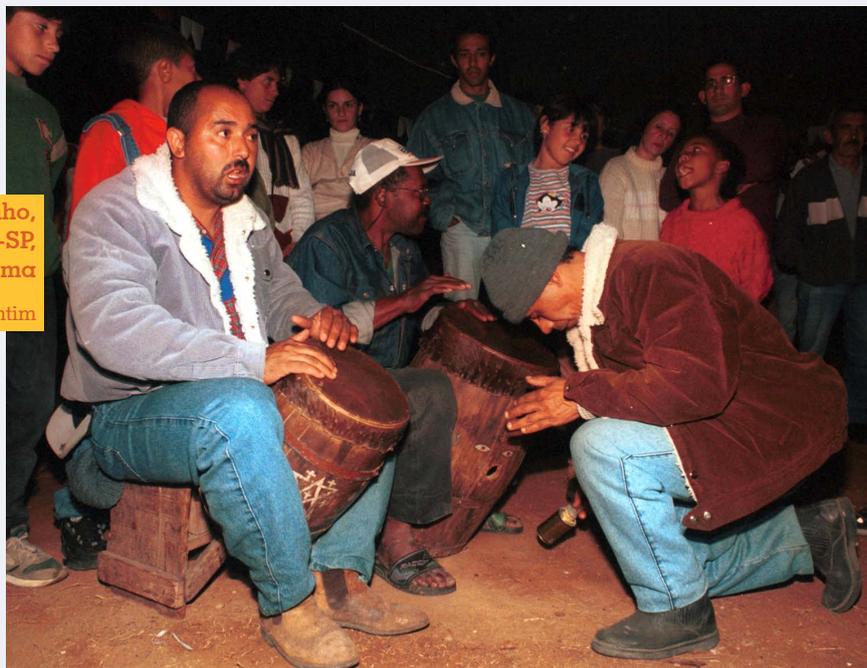
Vários termos compreendem diversos segmentos linguísticos, desde a toponímia, nome de lugares, até a antroponímia, nomes próprios. Entretanto, é preciso destacar que muito dessa permanência das línguas africanas se deu pela base litúrgica africana em que a língua de santo, utilizada nos terreiros de origem bantu, popularizou seu uso, fazendo com que palavras e expressões sustentassem nossa conexão com o continente africano de maneira viva.

REFLEXÃO E EXPERIMENTAÇÃO

Observe as pessoas ao seu redor, seja em casa, seja em outros espaços. Quantas dessas palavras apresentadas no texto acima aparecem? Anote cada palavra e busque seus significados. Além disso, amplie sua lista de palavras de origem bantu que estão no nosso cotidiano.

O mestre-jongueiro Totonho, de Guaratinguetá-SP, saravando angoma

Foto: Andrea de Valentim



O legado ancestral encontrado no culto ao Nkisi² (também conhecido popularmente como "santo") representa uma conformação importante para compreender o movimento de luta, resistência, adaptações e construção da religiosidade afro-brasileira em todo o país. O domínio da língua falada fundamenta as práticas tradicionais, enquanto concepção que estrutura as hierarquias estabelecidas em torno da relação com os ensinamentos ao longo do tempo e da história.

As divindades africanas de origem bantu reverenciadas no candomblé Congo-Ângola reaproximam, tanto pelo uso do nome em Kikongo quanto em Kimbundo, e recuperam a experiência comunitária de vivência coletiva, respeito aos mais velhos, transmissão de saberes por meio da oralidade, o respeito às diferenças religiosas e culturais e, acima de tudo, o equilíbrio entre corpo e espírito pelo movimento ritualístico e a relação intrínseca entre o natural e o sobrenatural. As cantigas são ótimos exemplos tanto de competência simbólica quanto de ensinamento. Há uma sequência cantada em homenagem a cada Nkisi, iniciada por Nzila, em seguida, Nzila, Nkosi, Katendê, Mutakalambô, Nzazi, Kavungo, Angorô, Mbamburusema, Ndandalunda, Vunji, Nzumbá, Kukueto e Lembá, reverenciando as entidades por um repertório linguístico, cantado ora em Kimbundo, ora em Kikongo.

2. Palavra em Kikongo/Kimbundo que representa as divindades protetoras de origem bantu.



Imagens cedidas pelo terreiro Bate Folha

Foto: Marisa Vianna

Fonte: <https://www.terreirobatefolha.com.br/>



Nesse aspecto, os terreiros de candomblé contribuem, substancialmente, para a salvaguarda, a manutenção e a transmissão das culturas africanas no Brasil, reafirmando, a cada momento, a importância da experiência coletiva do saber compartilhado, passado de geração em geração nas realizações cotidianas dos sujeitos que partilham do mesmo vocabulário religioso. Manter e recriar reminiscências, mesmo que simbolicamente, e a noção de família foi uma das primeiras funções do candomblé, pois, no espaço dos terreiros, a identidade familiar foi recuperada, tendo em mães, pais e filhos de santo suas figuras centrais, pela criação de uma rede de proteção essencial para a preservação dos valores e das tradições, dos costumes e da fé, além de possibilitar a reconstrução de identidades e a manutenção da cultura, da filosofia e da visão de mundo africana, sem as quais o negro não teria sobrevivido à escravidão.

Assim como os quilombos, os terreiros são espaços de resistência e de recuperação dos vínculos de aproximação e relação mútua. Eles têm um grande valor simbólico-religioso, pois os saberes ali praticados e transferidos fazem parte de um patrimônio imaterial de conhecimentos e significados que se tornaram mais amplos quando passaram a transportar um conjunto de bens culturais pertencentes à família, desta para as comunidades e ao povo de maneira geral. Isso ocorre graças à noção ampliada de família, que é uma de nossas heranças africanas estabelecidas no Brasil desde os primeiros cultos afro-brasileiros.

Reprodução da Aquarela "Negertanz"
(Dança de Pretos), de Zacharias
Wagener, 1638



REFLEXÃO E EXPERIMENTAÇÃO

A partir da compreensão da religiosidade do candomblé, conhece algum terreiro?
Reconhece algumas das divindades de origem bantu?

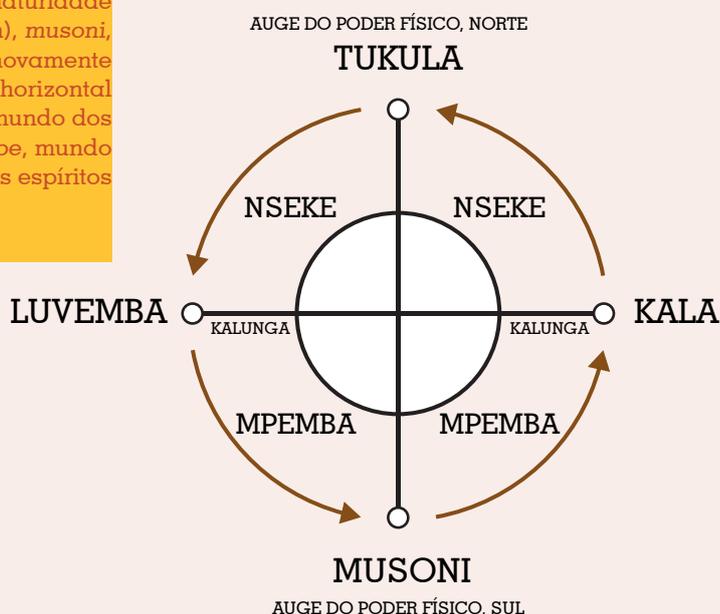
O ALIMENTO



Dos bantu herdamos o gosto pela boa comida, o tempero e os condimentos. Na culinária, isso ocorreu quando foram inseridos o quiabo e o maxixe, legumes antes incomuns, e também o azeite de dendê e pratos hoje tão populares como a moqueca de peixe, a feijoada e o acaçá (vindos da culinária sagrada), as raízes, como o inhame, e as frutas, a exemplo da melancia.

Cosmograma bakongo mostrando os quatro momentos do sol e da existência humana: kala, nascimento (6h); tukula, maturidade (12h); luvemba, morte física (18h), musoni, ancestralidade coletiva (24h) e novamente kala (reencarnação). A linha horizontal de kalunga separa ku-nseke, mundo dos vivos, e ku-mpembe, mundo dos espíritos

COSMOGRAMA BAKONGO



Entre os princípios de convivência encontrados nas comunidades tradicionais de matriz africana estão presentes a ativa participação dos mais velhos nas tomadas de decisão, liderança e manutenção dos conhecimentos e dos saberes sagrados. Concepção que estrutura as hierarquias estabelecidas em torno da relação com a ancestralidade que fundamenta as práticas de convivência e relação coletiva. A ideia de circularidade enquanto compreensão filosófica de criação de territórios interpretativos dos mundos, em que o começo e o fim se encontram, pressupõe certa horizontalidade entre os indivíduos no processo de troca de conhecimentos que organiza a integração entre passado e presente, profano e sagrado e a relação com o meio ambiente.

Predominantemente comunitária, a noção de circularidade se vincula à concepção ancestral que abriga em sua configuração social, econômica e espacial a corresponsabilização entre o visível e o invisível, que aprofunda questões como cultura, identidade, pertencimento, diversidade e relações históricas com o continente africano.

Dos elementos das várias formas de comunicação, atitudes, contextos e convívios, ao gestual performático guardado em nossa memória por saberes e fazeres africanos encontrados nas rodas de conversa, de samba e de capoeira; na voz, na dança, nos terreiros de candomblé, e dos movimentos indispensáveis para o conhecimento de mundo herdado pelos que nos precederam e dialogando com os quais convivemos atualmente.

SONOROS SABERES

No Brasil, a presença musical bantu é noticiada por cronistas e viajantes desde do século XVII. Eram, em especial, dois tipos de eventos, envolvendo música e dança. O primeiro demonstrava ser mais intimista, para a comunidade, realizado à noite nos terreiros das fazendas ou nas senzalas, e era chamado de batuque. Os batuques sofreram perseguições pois eram vistos como atentatórios à moral, à religião e, principalmente, à segurança pública. O segundo evento era a congada, que ocorria publicamente. Os bantu das irmandades católicas de negros saíam em cortejo nas festas religiosas ou oficiais acompanhando seus Reis Congos e louvando Nossa Senhora do Rosário.

Na música popular tradicional, a esfera de influência da musicalidade bantu abrange basicamente os dois grandes grupos citados: as congadas – maracatus, congos, congadas, moçambiques, ticumbis, catumbis, taieiras, cambindas, catopês, marujos etc., com maior presença no estado de Minas Gerais, onde as Irmandades Negras tiveram e têm ainda papel fundamental na vida religiosa e social.



"Batuque", gravura de Rugendas (1835)³

3. Johann Moritz Rugendas (1802-1858) foi um pintor, desenhista e gravador alemão. Participou de expedições com o objetivo de documentar o continente americano e tem um importante trabalho iconográfico de paisagens e costumes brasileiros do século XIX. Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa707/johann-moritz-rugendas>.

Diferente dos batuques, a congada abria para a população negra a possibilidade de ter certa inclusão e visibilidade social, por intermédio dos desfiles das Irmandades em ocasiões festivas. A sociedade colonial entendia as congadas como uma atividade benéfica de cristianização de seus cativos e de dissipação de disposições revoltosas. Porém, embora associada por uma instituição religiosa de tipo europeu, as Irmandades Leigas⁴, as congadas imbricavam formas e ritualística africanas à celebração católica, como o culto aos antepassados, homenageando suas linhagens de nobreza na figura dos reis congos.

Os bantu da África Centro-Meridional, fixados em sua maioria em áreas rurais, com maior densidade no Nordeste e sobretudo no Sudeste brasileiro, repassaram vivamente suas tradições através da música e de festejos populares diversos, sejam eles da religião afro-brasileira, do catolicismo popular ou de celebrações na cidade ou no campo, além da música popular urbana. A influência musical bantu, nesse sentido, transcende os aspectos religiosos, revelando uma profunda espiritualidade que reflete a visão de mundo africana preservada no Brasil. Isso se manifesta na reverência à ancestralidade espiritualizada, na sacralidade dos tambores e no poder atribuído à fala de mobilizar forças vitais.

Rei e rainha do Reinado de Nossa Senhora do Rosário de Montes Claros (MG)



4. Confrarias, irmandades ou ordens terceiras são associações religiosas de leigos no catolicismo tradicional, que se reuniam para promover o culto a um santo, representado por uma relíquia ou uma imagem. Essas associações agrupavam-se geralmente por vizinhança. Sua característica principal é o caráter leigo no culto católico. Surgiram na Europa durante a Idade Média e espalharam-se nas colônias portuguesas. Foram um elemento importantíssimo da vida na América. No Brasil, as confrarias de negros estão na origem de cultos afro-brasileiros como as irmandades dos homens pretos, o candomblé e o maracatu. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Confraria_\(catolicismo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Confraria_(catolicismo)).

Para além dos eventos religiosos ligados à igreja católica, foi em território baiano que os povos bantu tiveram contato com os yorubá. Esse contato exerceu influências no Candomblé Angola e Congo-Angola que foram sensíveis à estrutura da referência yorubana, porém mantendo conhecimentos, saberes e ritos do panteão de suas entidades e sua cultura. Uma particularidade: no Candomblé Angola tocava-se Kabula, um ritmo de compasso quaternário simples e tocado tradicionalmente em andamento rápido. O ritmo está associado ao Nkisi Kabila e Hoximucumbe.

Foto tirada no dia da Festa de Congo na cidade de Santo Antônio da Alegria, 2014

Fonte: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Congada_Terno_de_Sainha_Im%C3%A3os_Paiva.jpg



A influência bantu no ritmo afro-brasileiro, de acordo com o professor e pesquisador Kazadi wa Mukuna⁵, pode ser percebida por meio de elementos musicais oriundos da região da República Democrática do Congo-Angola e ocorreram por duas vias: a primeira pelo uso de instrumentos como cuíca, berimbau, caxixi e agogô, além de instrumentos já extintos, como saza e a marimba; a segunda pelos padrões rítmicos, em especial os de 4 e 16 pulsações.

Cuíca

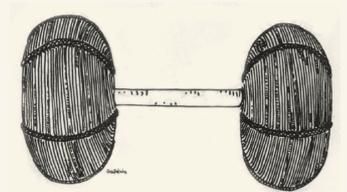
Fonte: <https://sonidosclandestinos.blogspot.com/2009/11/instrumentos-clandestinos-la-cuica.html>



5. Fonte: <https://www.revistas.usp.br/africa/article/view/90761/93474>.

Berimbau

Fonte: http://www.ccta.ufpb.br/labeet/contents/paginas/acervo-brazinst/copy_of_cordofones/berimbau-de-barriga



Chocalhos em Angola e no Brasil: em cima, da esquerda para a direita, cassaca dos baluba, de cesto de Angola, guaiá do candombe de Mocambo e ingoias de jongo de São Paulo; embaixo, nguaia dos chokwe de Angola

Fonte: Desenhos de José Redinha. Fotos: Paulo Dias (guaiá) e Instituto Cultural Itaú (ingoias)

Agogô

Fonte: <https://www.percussionista.com.br/instrumentos/agogo.html>



Atabaque

Fonte: <https://candombleumafamiliadeaxe.comunidades.net/os-instrumentos>



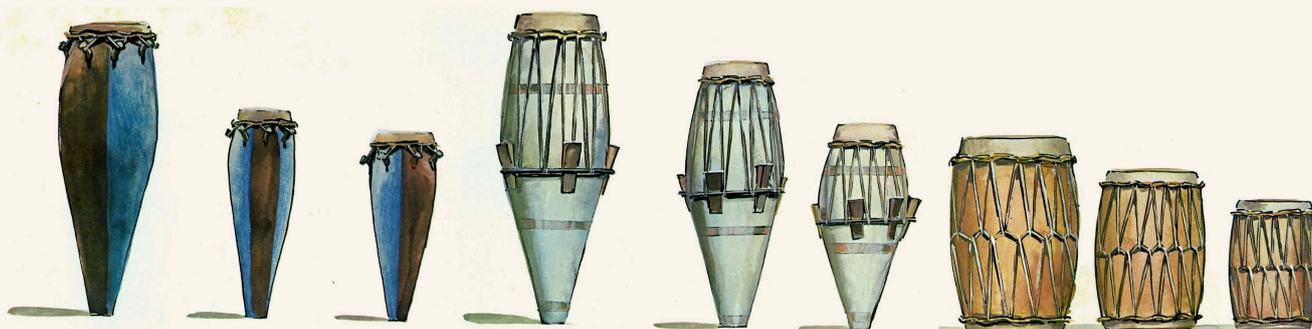
Assim como outros ritmos de matriz africana, o Kabula tem uma clave própria que atende à função de “guia” de todos os ritmos executados. Deste modo, entende-se que a clave do Kabula pode ser invertida, iniciada dois tempos após o começo tradicional. Os toques nos ngomas, tambores, em especial nos atabaques, são executados com as mãos. O toque dos tambores da nação angola também são executados com as mãos e compreendem os toques de Kabula, Congo de ouro e Barra-Vento.

Atabaque

Fonte: <https://www.istockphoto.com/es/foto/jugando-un-instrumento-musical-jembe-o-atabaque-gm540210478-96409405>



Segundo o músico e pesquisador Kiko Dinucci⁶, a partir da circularidade, o ritmo Kabula alcançou destaque na música popular brasileira através de ritmos e estilos musicais derivados da sua estrutura fundamental, como no samba de roda, no samba duro e na chula. No começo do século XX, esse samba migrou para o Rio de Janeiro e se tornou a base do samba carioca, com a presença feminina de Tia Ciata.



Atabaques nas nações Ketu, Angola e Ijexá do Candomblé Baiano, segundo o pintor Carybé.

PROPOSTA EDUCATIVA

Qual é a sua relação com esses ritmos? Você pratica algum deles?

Caso você pratique, seja tocando ou dançando, lembre com quem você aprendeu e quem você era antes de experienciar esses ritmos. Compartilhe sua história através de um desenho ou um texto. Se você não pratica, reflita qual ritmo você gostaria de aprender e como ela agregaria à sua história de vida.

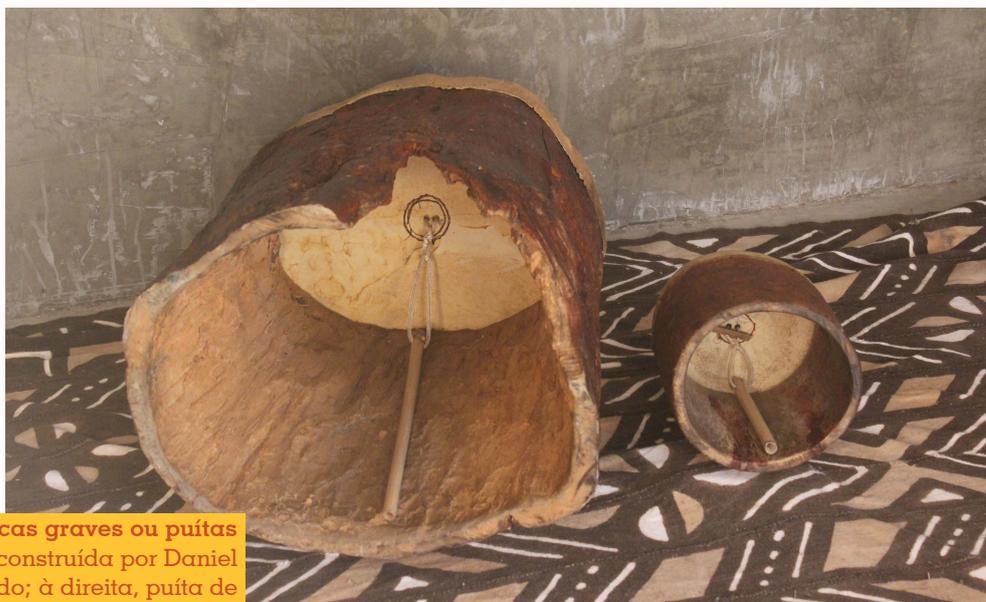
6. Fonte: <https://novasfrequencias.com/2016/2015/11/16/africa-bantu-brasileira-por-kiko-dinucci/>.

RITMOS BANTU NO SONORA BRASIL



No Sudeste, os ritmos bantu ocorrem em diversos formatos, mesmo com influência cristã sincretizada. Ritmos como congada e moçambique (Minas, São Paulo e Rio de Janeiro) e o congo capixaba passaram a cultuar os ancestrais de uma outra maneira, com ligações estreitas entre os santos católicos e os de origem africana, como São Benedito, Santa Efigênia, São Elisbão, Santo Antônio de Categeró e, sobretudo, com a figura da Nossa Senhora do Rosário (também chamada de Mãe dos Homens Pretos). Encontra-se também no Sudeste o jongo, o candomblé e o batuque de umbigada.

Os grupos que participaram nesta edição do Sonora Brasil trazem em sua produção a influência bantu.



Cuicas graves ou puítas

À esquerda, puíta construída por Daniel "Reverendo" Toledo; à direita, puíta de candombe da autoria de João Marcolino Pinto, do Quilombo Matição, em Jaboticatubas-MG



José Redinha

Adriano José

Paulo Dias

Tambores em tronco de cone de Angola e do Sudeste brasileiro: da esquerda para a direita, "grande tambor troncônico" angolano; tambu antigo de batuque (acervo do Centro Cultural Benedicto Pires de Almeida em Tietê), tambu e candongueiro de jongo de São Luís do Paraitinga-SP



Tambores em forma de cálice com pé longo em Moçambique e no Brasil. Da esquerda para a direita, *chinganga* (ou *singanga*) *chakulepa*, dos *maconde* de Moçambique, fotografados por Margot Dias, *quinjengue* do batuque de Tietê e *santana*, *crivo* e *requinto* do candombe de Mato do Tição, Jaboticatubas, MG, fotografados para catálogo de exposição do Instituto Cultural Itau



Orquestra (dos sonhos) do batuque de umbigada: da esquerda para a direita, Bomba (Nelson Alves) e Fião (Odair de Arruda) cantando moda com o guaiá na mão, Herculano Marçal na matraca, Tô (Wilson Alves) no quinjengue e Romário Caxias no tambu. CEU Butantã, São Paulo-SP
Foto: Andrea de Valentim



Caixas, patangome (em 2º plano à esq.) e gungas (em 2º plano à dir.) no Moçambique da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Justinópolis, Ribeirão das Neves-MG. Festa de São Benedito em Aparecida do Norte
Foto: Andrea de Valentim



Casacas de Banda de Congo-ES



Berimbau de Bacia em Pombal-PB
Foto: Paulo Dias



Carlos Julião (1740-1811), "Cortejo de uma rainha negra na festa de reis", séc. XVIII
 Note o uso da marimba e do reco-reco africanos junto com a viola portuguesa

Um princípio de intonação mais simplificado, porém não menos virtuoso, aparece na execução do tambor de crioula maranhense, no qual notamos o encaixe perfeito entre meio e crivador:

meião	_____	X.X
crivador	_____	.xx.
escuta resultante	_____	XxxX



Umbigada trocada entre Sr. Antônio e Dona Zila em batuque no Sesc Vila Nova, São Paulo, em 1977
 Foto: Pesquisadora Maria Ignez Ayala

OS GRUPOS QUE PARTICIPARAM NESTA EDIÇÃO DO SONORA BRASIL TRAZEM EM SUA PRODUÇÃO A INFLUÊNCIA BANTU:

ACRE

Kelen Mendes e Deivid Menezes

ALAGOAS

Afoxé Povo de Exu/Coco dos Gomes

AMAPÁ

Berço do Marabaixo

BAHIA

Tiganá Santana/Malungo IXI – Música, tempo e afeto

CEARÁ

Viramundo

DISTRITO FEDERAL

Filhos de Dona Maria/ A Guarda de Catopê Irmãos de Maria e a Irmandade dos Filhos de Nossa Senhora

ESPÍRITO SANTO

Ticumbi – Baile de Congo de São Benedito de Conceição da Barra

GOIÁS

Jongo Iracema

MARANHÃO

Officina Affro/ N'olo – A Força do Kikongo no Maranhão/Tambor de Crioula de Taboca Abanijeun – Casa Fanti Ashanti – Mestra Mãe Kabeca

MATO GROSSO

Nega Lu

MINAS GERAIS

Dôl Neguim/Primeiro Terno de Nossa Senhora do Rosário de Montes Claros

PARÁ

Uirapuru

PARAÍBA

Novo Quilombo do Gurugi/Coqueiro Alto/Mestre Penha

PARANÁ

Grupo Baquetá

PERNAMBUCO

Afoxé Filhos de Zaze/ Chris Mendes e Nino Alves

PIAUÍ

Congo de Oeiras

RIO DE JANEIRO

Samba, Jongo e suas Histórias Cariocas/ Grupo Cultural Jongo da Serrinha/Nina Rosa e Marquinhos de Oswaldo Cruz/Grupo Afrolaje

RIO GRANDE DO NORTE

Coco de Zambê

RIO GRANDE DO SUL

Tribo Maçambiqueira, Kako Xavier e Loma Pereira

RORAIMA

Associação dos Filhos e Amigos do Ashé Tata Bokulê – AFATABE

RONDÔNIA

Asê Zambí com Afrobatuque

SANTA CATARINA/REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO

Mwewa, François e Marissol

SÃO PAULO

Batuque de Umbigada

SERGIP

Jorge Dissonância/Pedrinho Mendonça

TOCANTINS

Grupo Congo de Monte do Carmo/Grupo das Taieiras/Grupo Tambor

POLO SOCIOCULTURAL SESC PARATY

Quilombo do Campinho da Independência

POLO SOCIOAMBIENTAL SESC PANTANAL

Nega Lú

SEBOKENG, ÁFRICA DO SUL

Luthando Arts Academy

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância dos povos de origem linguística bantu é pouco conhecida na história do negro no Brasil. Tratadas com equívocos e generalizações, as várias etnias que aqui chegaram, de maneira forçada e em péssimas condições, não foram suficientemente compreendidas e estudadas para o nosso próprio entendimento da diversidade brasileira. A presença dos bantu foi muito marcante no Brasil durante os séculos XVI e XVII, período de intensa entrada de africanos no país, com ampla atuação no território nacional, nas diversas regiões. Dado o auge do ciclo da Guiné e de Angola, número expressivo desses povos também ocupava grande extensão do continente africano, na área abaixo da Linha do Equador.

Nessa edição do *Sonora Brasil Culturas bantu: afro-sonoridades tradicionais e contemporâneas* pudemos explorar e compreender um pouco mais as influências da cultura bantu na nossa identidade, percebidas no gestual, na fala e nas várias formas de lidar com a vida, diminuindo lacunas sobre a efetiva participação dos povos bantu na formação da cultura, da economia e da religiosidade brasileiras.



REFERÊNCIAS

- AXEL, S. T. J. As origens dos escravizados bantu de África Central deportados às Américas dos séculos XVI-XIX. Simpósio Nacional de História, 24, 2017, Brasília.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. Das línguas africanas ao português brasileiro. Afro-Asia (UFBA), Salvador, v. 14, p. 81-106, 1983.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. No canto do acalanto. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais, 1990. (Série Ensaio/Pesquisa, 12)
- FAUSTO, Boris. História do Brasil. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2013.
- FOURSHEY, Catherine Cymone; GONZALES, Rhonda M.; SAIDI, Christine. África bantu: de 3500 a.C. até o presente. Tradução: Beatriz Silveira Castro Filgueiras. Petrópolis: Vozes, 2019.
- SCHWARCZ, Lilia; STARLING, Heloisa. Brasil: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- VIANNA FILHO, Luiz. O negro na Bahia. São Paulo: José Olympio, 1946.
- SILVA JR, Carlos. Mapeando o tráfico transatlântico de escravos. Afro-Ásia [online], n. 45 [2016-02-29], p. 182 2012.
- <https://www.sesc.com.br/atuacoes/cultura/musica/sonora-brasil/>

SITES CONSULTADOS

- <https://sites.google.com/site/candomblenacaoangola/estrumento-musicais-bantu>
- <https://www.sesc.com.br/noticias/cultura/sonora-brasil-2022-destaca-cultura-bantu/>
- <http://sambaglobal.net/web-tese/i-comeco/ponto-de-vista-2/ponto-de-vista-2-o-que-e-samba-entre-a-arvore-e-a-grama-a-genealogia-e-a-ontologia-a-historia-e-o-devir/>
- <https://www.sescsp.org.br/batuque-de-umbigada-cultura-bantu-afro-paulista/>
- <http://www.xvenecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/111764.pdf>
- <http://pdf.blucher.com.br.s3.amazonaws.com/socialsciencesproceedings/vii-se-cunifesp/002.pdf>
- <https://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/reportagens/854-o-matiz-banto-do-rio>
- <https://osbantos.weebly.com/>
- <https://sites.google.com/site/candomblenacaoangola/estrumento-musicais-bantu>



www.sesc.com.br